

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL INDÍGENA BRASILEIRA E A PROMOÇÃO DO LETRAMENTO MULTICULTURAL

THE INDIGENOUS CHILDREN AND JUVENILE BRAZILIAN LITERATURE AND THE PROMOTION OF MULTICULTURAL LITERACY

LA LITERATURA INFANTIL Y JUVENIL INDÍGENA BRASILEÑA Y LA PROMOCIÓN DE LA ALFABETIZACIÓN MULTICULTURAL

Janice Cristine Thiél¹

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre a literatura indígena e sua contribuição para a formação de crianças e jovens leitores. Para tanto, discutimos como a literatura indígena pode promover a percepção da pluralidade cultural brasileira, proporcionar o desenvolvimento de competências leitoras de textos multimodais, suscitar a valorização de produções literárias de diferentes tradições e visões de mundo e nutrir o diálogo intercultural.

ABSTRACT: The aim of this paper is to present some considerations about Brazilian literature produced by the indigenous people and their contribution to the education of young readers. Therefore, we discuss how Native Brazilian literature promotes the visibility of Brazilian cultural pluralism, the development of reading competences of multimodal texts, the recognition of literary texts of different traditions/world views, and the way it nourishes intercultural dialogue.

RESUMEN: Este artículo propone una reflexión sobre la literatura indígena y su contribución para la formación de jóvenes lectores. Para tanto, dis-

1 Professora Doutora da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
E-mail: janthiel09@gmail.com

cutimos como la literatura indígena puede promover la percepción de la pluralidad cultural brasileña, proporcionar el desarrollo de competencias lectoras de textos multimodales, suscitar la valorización de producciones literarias de diferentes tradiciones y visiones de mundo y nutrir el diálogo intercultural.

PALAVRAS-CHAVE: literatura indígena; literatura infanto-juvenil; pluralidade; letramento multicultural.

KEYWORDS: native brazilian literature; children and juvenile literature; pluralism; multicultural literacy.

PALABRAS CLAVE: literatura indígena; literatura infantil/juvenil; pluralidad; alfabetización multicultural.

Nota introdutória

A literatura infantil/juvenil produzida por escritores indígenas brasileiros, embora desconhecida ainda por parte de muitos educadores, encontra cada vez mais leitores. Com o crescimento das publicações, iniciadas na última década do século XX, a narrativa indígena impressa traz visibilidade a grupos indígenas brasileiros que narram histórias provenientes de uma longa tradição oral.

Assim, propomos neste artigo discutir a literatura indígena e sua contribuição para a formação de crianças e jovens leitores. Para tanto, focalizamos a literatura indígena para crianças e jovens como nutriz da percepção da pluralidade cultural brasileira e do diálogo intercultural, bem como promotora da valorização de produções literárias de diferentes tradições e visões de mundo.

A literatura indígena, por sua vinculação à tradição oral e construção multimodal, entre outros aspectos, desafia o leitor. Os textos indígenas possuem uma complexidade em termos de gênero, autoria, multimodalidades, além de percepções culturais da realidade, que exigem do leitor um reposicionamento cultural, ao mesmo tempo que motivam a interação com o outro a partir da literatura. Como mediadores de leitura, os professores exercem um papel essencial na formação de leitores competentes. A leitura de obras literárias, em especial, promove a percepção não só de temas variados, mas de como esses temas são abordados.

Literatura é a arte da palavra e a palavra diz o mundo, diz os seres que nele habitam e diz sua história, suas relações, encontros, conflitos, buscas e questionamentos. A leitura de obras da literatura indígena problematiza conceitos, desconstrói estereótipos e revela a presença dos índios na história e por histórias narradas por sua própria voz.

Literatura indígena e pluralidade cultural

Quando falamos sobre o contato de crianças e jovens com a literatura indígena brasileira, estamos falando de muitas literaturas, culturas e vozes, criadas não só em língua portuguesa, mas também em idiomas nativos. Os educadores voltam-se para a questão da inclusão social e cultural de grupos cuja literatura foi vista como inexistente por séculos devido à visão de uma tradição literária ocidental cujos parâmetros de produção e divulgação divergem de culturas ainda muito ligadas à tradição oral e de performance.

Segundo informações disponíveis no site do Programa Povos Indígenas do Brasil, vinculado ao Instituto Socioambiental (ISA), 246 povos indígenas, falantes de mais de 150 línguas diferentes, habitam hoje o Brasil. Este número é significativo, especialmente diante do discurso de desaparecimento dos povos indígenas repassado às crianças nas escolas por décadas. Ainda é possível ouvir professores se referirem aos índios na história brasileira usando verbos no passado, como se os índios não mais existissem nem contribuíssem para a história e cultura brasileiras. Contudo, o silenciamento e a invisibilidade dos grupos indígenas devem ser revistos. Além disso, a inserção da literatura indígena nas escolas e sua leitura por públicos de diferentes idades conduz à construção de repertório dos alunos, bem como com ao desenvolvimento de um olhar crítico sobre a literatura.

As orientações desenvolvidas no documento dos Parâmetros Nacionais Curriculares referentes às quatro primeiras séries da Educação Fundamental no Brasil, publicado pela Secretaria de Educação Fundamental (SEF/MEC, 1997) sobre a questão da Pluralidade Cultural, especificamente sobre a Constituição da Pluralidade Cultural no Brasil e Situação Atual, indica que

Todos os grupos sociais e étnicos têm histórias. Essas histórias são distintas entre si e também distintas do que se convencionou como história do Brasil, no singular. Embora as trajetórias das culturas e etnias no Brasil já façam parte dos conteúdos trabalhados pela escola, com referência aos índios, aos negros, aos imigrantes, o que se propõe são novos conteúdos, que buscam narrar a história do ponto de vista dos grupos sociais que a produziram (SEF/MEC, 1997, p. 51).

A literatura brasileira é construída por visões de mundo plurais e construções estéticas diferentes. Se as leituras são restritas a certos grupos e visões, são limitados também o aprendizado e a possibilidade de ver e ler o mundo de uma maneira dinâmica. Portanto, é fundamental que formemos leitores que, desde as séries iniciais, conheçam a pluralidade cultural brasileira e reconheçam a presença e a contribuição das muitas etnias que constituem as culturas aqui desenvolvidas. A divulgação da literatura nativa e a inclusão da literatura indígena infantil/juvenil nas escolas permite a interação com os muitos outros que pertencem às etnias indígenas brasileiras e com histórias que documentam saberes ancestrais.

As textualidades provenientes de muitas culturas e comunidades indígenas apresentam ao público índio e não índio narrativas míticas, mas também informações sobre as comunidades nativas com a descrição da vida dos povos indígenas, seus costumes, conhecimentos e a localização das comunidades pelo Brasil. Portanto, a literatura indígena proporciona formação e letramento cultural, literário, informacional e crítico.

Sobre alguns rótulos utilizados, como literatura indigenista e indígena, faz-se necessária uma distinção. As obras indigenistas são produzidas por não índios e tratam de temas ou reproduzem narrativas indígenas; a perspectiva ocidental característica destas narrativas pode ser evidenciada pela vinculação dos textos nativos a gêneros literários ocidentais, lendas, por exemplo. Entretanto, os gêneros textuais e literários são também gêneros culturais, consequentemente construídos a partir de visões de mundo e conceitos di-

ferentes. Assim, a produção indígena é realizada pelos próprios índios, segundo as modalidades discursivas que lhes são peculiares.

Cabe um esclarecimento também sobre o entre-lugar cultural da produção indígena brasileira. Ela está localizada entre a oralidade e a escrita, entre línguas nativas e europeias, entre tradições literárias europeias e indígenas, entre sujeição e resistência. Textos bilíngues, em especial os textos infanto-juvenis, são elaborados em língua nativa e em língua portuguesa e utilizados como material didático em várias comunidades e escolas indígenas para promover o letramento das crianças nativas.

A especificidade da literatura infantil/juvenil indígena brasileira

Nelly Novaes Coelho afirma que “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra.” (COELHO, 2000, p. 27). Segundo esses parâmetros, percebemos que a literatura escrita para o público-alvo em fase inicial de letramento pode ser tão complexa e elaborada quanto aquela produzida para um público cujas competências leitoras já foram, supostamente, desenvolvidas.

Acreditamos que crianças e jovens não devem ser subestimados em seu potencial de desenvolvimento de competências leitoras multimodais e multiculturais. Mas para que isto aconteça, os mediadores da leitura precisam privilegiar um enfoque estético das obras literárias.

Além de levar as crianças e jovens ao aprimoramento de competências leitoras da palavra, o contato com a literatura indígena pode capacitar este público a ler outras modalidades discursivas. Utilizamos este termo modalidades para designar recursos semióticos utilizados para a representação (e comunicação) de sentidos construídos social e culturalmente, tais como a imagem impressa ou em movimento, o som, a música, o gesto, a fala. Os estudos desenvolvidos por Kress (2010) propõem que a construção de significados combina vários modos (visual, textual, auditivo,

sinestésico etc.), o que conduz à percepção, por parte dos educadores, da importância de se ensinar a ler e interpretar textos expressos por estas múltiplas linguagens.

Para que a literatura indígena seja valorizada em sua especificidade literária é preciso que seus leitores disponham de referenciais teóricos para que as textualidades indígenas sejam interpretadas em sua contextualização cultural e estética. Por exemplo, as narrativas indígenas endereçadas a vários públicos motivam a leitura da palavra impressa em interação com ilustrações, com a percepção de desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos. Os grafismos indígenas constituem narrativas e devem ser valorizados por sua especificidade, podendo inclusive indicar a autoria do texto indígena, se coletiva/ancestral ou individual.

No que tange aos recursos visuais, as ilustrações estão presentes em grande parte dos textos indígenas, principalmente naqueles dedicados ao público jovem. Há um enredo nos desenhos que lança o leitor para uma rede de significados forjados pela interação de palavra e imagem. Muitas vezes a palavra escrita, tão privilegiada pela literatura canônica, passa a ser um complemento do elemento visual. Assim, a partir da representação visual e gráfica de seu potencial imaginativo, o narrador indígena amplia a latitude e a longitude de seu olhar sobre o mundo e recorre à imaginação como forma de se relacionar com o real, projetando-o ou reformulando-o.

O aspecto da visualidade da narrativa surge como elemento essencial a ser lido como marca de autoria na textualidade indígena brasileira. A duplicidade da autoria indígena configura-se, por exemplo, por traços geométricos. Eles marcam a autoria coletiva, conferindo maior veracidade à história relatada. Já gravuras ou figuras geométricas pequenas ou irrelevantes remetem a um conhecimento individual. Assim, desenhos e formas geométricas compõem uma poética que traduz uma vontade política de resignificação das comunidades tribais. Por trazer formas geométricas, especialmente em suas margens, o texto indígena sugere vinculação ain-

da à tradição ancestral, às narrativas ou aos conhecimentos ancestrais adquiridos via tradição oral. Esses marcadores (formas geométricas) são encontrados em muitas obras indígenas brasileiras e não são mera ilustração. Pode estar sendo sinalizado no livro que as narrativas ou informações contidas nas páginas marcadas com traços ou formas geométricas são de autoria coletiva, ou seja, são provenientes de sabedoria ancestral de povos indígenas.

Como os significados das textualidades indígenas emergem de modalidades variadas – escrita, imagens, movimento, áudio – e de suas combinações, a proposta do desenvolvimento de competências relacionadas aos multiletramentos por meio da literatura indígena faz sentido.

Além disso, a literatura indígena sugere a continuidade e permanência da memória ancestral. As obras indígenas estabelecem vínculos entre gerações, especialmente pelas narrativas míticas. Segundo Luiz Carlos Borges, “[...] o mito funciona como um mecanismo aberto de fazer a história, que se sustenta na/pela memória.” (BORGES, 2003, p. 9). Dentre os gêneros narrativos indígenas, o relato mítico assume, em tradições tribais, um papel essencial, diferente daquele da tradição literária europeia, na qual o mito está normalmente vinculado a relatos fantasiosos e desvinculado de um discurso histórico ou verdadeiro. Contudo, o mito assume outras conotações em contextos tribais, vinculado a narrativas verdadeiras, servindo uma função religiosa. O relato mítico que se refere à origem do mundo, dos deuses e do homem, oferece mais que entretenimento, como poderia ser concebido pela perspectiva ocidental; entendido como verdadeiro saber, o mito fornece as bases que sustentam as relações sociais das comunidades tribais. Portanto, o mito não é construção ficcional, mas construção social.

Desta maneira, as narrativas míticas indígenas anunciam, principalmente em seus parágrafos de abertura, a consciência de uma continuidade, valorizam a memória e a permanência de um saber ancestral; ao mesmo

tempo, sinalizam a atemporalidade da história. Isto pode ser percebido pela utilização de fórmulas equivalentes ao “Era uma vez” das histórias canônicas ocidentais.

Por sua complexidade, generalizações quanto aos tipos de textualidades indígenas da América são inadequadas, pois “Cada cultura possui seus próprios modelos de criação textual” (RISÉRIO, 1993, p. 37).

Temáticas da literatura indígena para crianças e jovens

Pelo fato de não compartilharem um mesmo centro de percepção do mundo, os índios foram classificados por séculos como bárbaros, especialmente porque os colonizadores consideravam-se portadores de uma civilização, da qual os índios se encontravam despojados.

Portanto, a literatura indígena “Não se trata de uma invenção qualquer. Trata-se de uma deliberação política. Os escritores indígenas o fazem de um território imaginário, em que as coisas se renomeiam, no exercício da ocupação do solo simbólico” (ALMEIDA e QUEIROZ, 2004, p. 197). O solo simbólico de inserção, reconstrução e valorização das etnias indígenas pode ser encontrado, entre tantas outras formas de expressão, na literatura. Segundo Graça Graúna,

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (GRAÚNA, 2013, p. 15).

Além disso, Graça Graúna aponta algumas das “problematizações associadas aos seis temas transversais que foram escolhidos e elaborados pelos professores indígenas e seus consultores para o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) [...] de 1998” (GRAÚNA, 2013, p. 23). Tais problematizações podem ser vistas também como temas que, muitas vezes, aparecem nas narrativas indígenas para crianças, jovens e adultos. São estas problematizações: “1) Terra e conservação da biodiversidade; 2) Autossustentação; 3) Direitos, lutas e movimentos; 4) Ética; 5) Pluralidade cultural; 6) Saúde e educação” (GRAÚNA, 2013, p. 23).

Alguns autores indígenas já tem seu nome consolidado na produção literária indígena para crianças e jovens, tais como Daniel Munduruku. Na apresentação de uma de suas obras, *Coisas de índio*, o autor discorre sobre seu propósito ao escrever e publicar seu livro para um público-alvo não índio, para “[...] dar uma oportunidade para as pessoas compreenderem melhor e se tornarem amigas desses povos, percebendo como é importante o Brasil saber conviver com eles” (MUNDURUKU, 2010, p. 7). Com esta finalidade, o autor afirma que escreveu uma “[...] ‘enciclopedinha’, que mostra um pouco da riqueza e da sabedoria de algumas culturas indígenas no Brasil” (MUNDURUKU, 2010, p. 7). Além disso, na folha de rosto, aparece o título com um subtítulo: *Um guia de pesquisa*. Sendo uma enciclopédia, espera-se que traga uma descrição e esclarecimentos sobre fatos da vida indígena no Brasil e seja uma fonte de consulta sobre o tema. Dividido em duas partes, o livro traz na primeira parte informações sobre os povos indígenas brasileiros, as línguas dos povos indígenas e a legislação indigenista; na introdução da segunda parte, o autor afirma que será feita uma inserção na cultura indígena, o que implica descrever o estilo de vida dos povos indígenas. No entanto, no verbete “Alimentação”, é incluído um mito tupi, “Mandioca – O pão indígena”; em “Instrumentos musicais”, após uma descrição dos instrumentos musicais utilizados em situações diferentes, foi inserida uma narrativa, “O mito das flautas sagradas Munduruku”; e, no verbete “Mitos e cosmologias”, foram incluídas duas narrativas míticas: a primeira conta “Um mito Munduruku – Como surgiram os cães”, e a segunda conta a “História

do Dia”. Estas narrativas não compõem, normalmente, textos informativos como enciclopédias. Essa composição demonstra o hibridismo dos gêneros literários das obras indígenas e a variedade temática das obras nativas.

Vale a pena ressaltar ainda a autoria ou coautoria de crianças indígenas na criação e narração de histórias para outras crianças e jovens. Obras como *Irakisu: o menino criador* (2002), de Renê Kithãulu, com ilustrações do autor e das crianças Nambikwara, é dedicado “a todas as crianças da aldeia Waikutesu, para que elas nunca abandonem a língua Nambikwara” (KITHÃULU, 2002, p. 5). O texto apresenta narrativas diversas de auto-história, com textos autobiográficos do autor e de sua coletividade. Temas como história, memória, identidade e especificidade da língua e do pertencimento cultural ao povo Nambikwara destacam-se na obra. As ilustrações da obra, com a contribuição das crianças da aldeia Waikutesu, tornam o texto mais significativo da maneira como as crianças indígenas leem o mundo e representam sua interpretação.

Outra obra a ser destacada por sua autoria é *Das crianças Ikpeng para o mundo. Marangmotxíngmo Mirang* (2014). A obra, parte da coleção Um Dia na Aldeia, adaptada e ilustrada por Rita Carelli, é composta por um filme em DVD e por um texto impresso feitos coletivamente por Natuyu Yuwipó Txicão, Karané Ikpeng e Kumaré Ikpeng, junto com as crianças da aldeia Ikpeng. As crianças Ikpeng são os guias por uma narrativa que descreve 24 horas em sua aldeia. O texto e o filme que o inspirou são ideais para apresentar a cultura do povo Ikpeng, do Mato Grosso, para crianças de todas as culturas. A voz das crianças, protagonistas da história, e as imagens, densas de informações culturais, tratam do que aproxima e o que diferencia o povo Ikpeng de outras culturas. Entre os temas discutidos surgem tarefas diárias, brincadeiras, festas e rituais, objetos utilizados pelos ancestrais e do dia-a-dia, papéis sociais, medos e perigos da floresta e mudanças incorporadas pelo contato com culturas europeias. Os textos impresso e fílmico promovem a abertura cultural ao outro e constroem pontes para a compreensão das diferenças sem preconceitos.

Algumas considerações

Na obra *Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena*, Olívio Jekupé lembra: “A literatura indígena é um fenômeno relativamente recente, mas já é possível identificar vários autores com projeção nacional e internacional. Seus livros já fazem parte dos acervos de bibliotecas internacionais” (JEKUPÉ, 2011, p. 30). Sua produção e circulação certamente contribuem para que se conquistem cada vez mais leitores.

A produção literária indígena das Américas marca presença e encontra reconhecimento, apesar de inúmeras tentativas de apagamento. A literatura indígena brasileira para crianças e jovens, em especial, passa por um momento de ascensão e merece encontrar um público leitor que reconheça sua especificidade e seu valor.

Referências

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. *Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BORGES, Luiz Carlos. Os Guarani Mbyá e a Oralidade Discursiva do Mito. In: FERNANDES, Frederico Augusto Garcia (Org.). *Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil*. Londrina: Eduel, 2003. p. 1-19.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARELLI, Rita (Adaptação e Ilustrações). *Das crianças Ikpeng para o mundo. Marangmotxíngmo Mirang*. São Paulo: Cosac Naify, 2014. (Coleção Um Dia na Aldeia).

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

JEKUPÉ, Olívio. *Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena*. São Paulo: Global, 2011. (Coleção muiraquitãs).

KITHÃULU, Renê. *Irakisu: o menino criador*. São Paulo: Peirópolis, 2002. (Coleção memórias ancestrais: povo Nambikwara).

KRESS, Gunther. 2010 *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York, NY: Routledge, 2010.

MUNDURUKU, 2010 *Coisas de índio: um guia de pesquisa*. 2 ed. São Paulo: Callis, 2010.

RICARDO, Fany Pantaleoni (coord. geral). Povos indígenas no Brasil. Programa Povos Indígenas do Brasil. Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/quem-sao/povos-indigenas>. Acesso em 15 de novembro de 2015.

RISÉRIO, Antonio. *Textos e tribos: poéticas extraocidentais nos trópicos brasileiros*. Rio de Janeiro: Imago, 1993 (Série Diversos).